

8.

Século XIII – África Ocidental - Império do Mali – Sundjata Keita

....the Sunjata story
 Is very strange and wonderful.
 You see one griot,
 And he gives you an account of it one way,
 And you see another griot,
 And he gives you an account of it in another way,
 And you will find that what he has heard has determined his version.
 What I have myself heard,
 What I have heard from my parents,
 That is the account which I will put before you.¹¹

O Império do Mali, que sucedeu o Império de Gana, foi fundado no século XI, mas atingiu seu apogeu depois que Sundjata Keita, na batalha final de Kirina, conseguiu, em 1235, unificar o império vencendo o poderoso Sumanguro ou Soumaoro Kantê. Sumanguro era rei de Sosso, e pertencia a classe dos ferreiros, a mais poderosa dos artesãos, os que forjam o ferro, os transformadores dos mundos visíveis e não visíveis. Era também considerado um poderoso feiticeiro.

A narrativa épica de Sundjata conta a formação de um dos maiores impérios africanos, ela faz parte de uma vibrante e extensiva tradição oral de histórias épicas e canções de louvor do Mande, que são constantemente atualizadas através de novas performances. Sua figura não é uma relíquia distante do passado, é um símbolo importante e ainda atual. Existem versões muito diferentes para esta história, não só entre os griots, entre africanos, mas também entre os ocidentais. Alguns pontos, porém, repetem-se nas narrativas diversas, principalmente em seu lugar de origem. Há muitas versões escritas, algumas em prosa, em diferentes línguas; outras, mais atuais, são transcritas a partir de gravações feitas em apresentações de griots. Há, também, uma versão em quadrinhos do Will Eisner, *Sundiata, o leão do Mali*, que ignora tudo que há de oculto na tradição africana e transforma a história numa batalha entre fortes guerreiros, com belos desenhos.

Antes de Sundjata, o Mande era dividido em pequenos reinos de agricultores e caçadores, entre eles Neema, Kita, Siba. Nesta época, grande parte

¹¹ Versos de abertura do griot Banna Kanute, na sua recitação de Sundjata para Gordon Innes, 1970. Em *Sunjata –Gambian versions of the Mande Epic by Bamba Suso and Banna Kanute*. Transcrito e traduzido por Gordon Innes. London: Penguin Books, 1999.

do Mande já tinha sido convertida ao Islamismo, os mandincas foram o último grupo a se islamizar, num processo lento que, em alguns lugares, só se deu efetivamente no século dezenove. Mas apesar de convertidos ao Islamismo, ainda hoje se mantêm crenças, práticas religiosas e visão de mundo do período anterior a chegada dos árabes. As práticas animistas continuam fazendo parte do cotidiano local e em toda aldeia há pelo menos um feiticeiro.

A região do Mande hoje vive entre a herança que traz do passado e as mudanças do presente, afetado por diversas influências estrangeiras, das quais não é possível fugir. Sundjata é um herói que traz em sua história a ambiguidade, ele andou pelo Mande e fora dele, viveu exilado, e juntou sob seu império diferentes etnias. Estimulou a dispersão de seu povo, levando-o, em conquistas e batalhas distantes, a afastar-se de seu lugar de origem, fazendo isto, ele trouxe, ao mesmo tempo, o convívio com a diferença e com novas possibilidades. Diz-se dele: "*he who scattered Mande but also set it on its foundation.*"

O pai de Sundjata, Naareng Makhang Konnate, era o rei de Niani, cidade do Mande. Ele já tinha duas esposas quando lhe foi dito pelos feiticeiros que uma outra mulher lhe daria o filho que unificaria o Mande. Casou-se com Sukulung ou Sogolon Konte, que era princesa da cidade de Do, mulher muito feia, conhecida como mulher-búfalo. Sukulung é uma figura interessante, e Sundjata tem com sua mãe uma ligação muito forte.

Conta-se, que nesta época, um búfalo assombrava a região. Nenhum caçador conseguia capturá-lo e sua presença deixava toda a terra seca, tornando-a improdutiva. Este búfalo era, de fato, uma mulher que, como vingança por tudo o que sofrera na vida, se transformara numa fera invulnerável. Dois irmãos, jovens caçadores, decidiram sair a sua procura. Em seu caminho encontraram uma mulher que carregava uma trouxa pesada e ofereceram auxílio. Era o búfalo em sua forma mulher, que cansada da vida que levava, e sensibilizada com a gentileza dos irmãos, resolveu fazer um acordo com eles. Em troca do segredo de sua invulnerabilidade, eles deveriam voltar a Do e tomar sua filha, uma mulher rejeitada por suas deformidades físicas, que não sabia quem era sua mãe, em casamento. Em algumas versões, Sukulung não é filha da mulher-búfalo e sim, seu duplo. A mulher-búfalo se deixa matar e os caçadores voltam para cumprir sua palavra. Sukulung não os aceita como marido, ao primeiro toque de cada um deles, ela também se transforma em búfalo. Os caçadores levam-na então para o

seu rei, Naareng Makhang Konnate. Os feiticeiros confirmam ser ela a futura mãe do rei do Mali. Naareng casa-se com Sukulung e só consegue tocá-la depois de um ardiloso plano em que forçosamente a faz dormir.

Sundjata nasce, após anos de gestação e dias de parto, alguns minutos antes de seu meio-irmão. Dizem que ele falou ainda dentro da barriga de sua mãe. Enquanto um griot é mandado para avisar o rei, que estava distante, do nascimento deste meio-irmão, Sukulung manda um escravo. Ao chegar a casa de Naareng, o escravo encontra todos comendo e é convidado para comer também, ele prontamente aceita, e come antes de dar a importante notícia que levava. Por sua vez, o griot não aceita o mesmo convite e vai direto contar a novidade ao rei, chegando, portanto, antes do escravo. O rei recebe primeiro a notícia do nascimento do irmão de Sundjata, que na realidade havia nascido minutos depois. Desta maneira, Sundjata perde o direito de ser o herdeiro do trono, o direito é dado ao primeiro a ser anunciado. É fundamental, nesta história, o papel do griot.

Desde pequeno Sundjata não consegue andar sobre suas pernas, e se arrasta para se locomover, dizem alguns que isto foi causado pelo desgosto de seu nascimento ter sido anunciado depois. Ele parece bastante fraco e sofre, por isso, muitas humilhações. Ninguém é capaz de acreditar que ele será o futuro rei, embora todos os adivinhos insistam nesta história. Sundjata e sua mãe vivem, na cidade, sempre um pouco apartados, pois o menino não é capaz de ajudar sua mãe, como é costume. Um dia, já adolescente, depois de vê-la sofrendo, sendo humilhada pelas outras esposas por causa de sua condição, Sundjata decide andar. Os ferreiros haviam forjado uma barra de ferro especialmente para ele. Sundjata tenta levantar-se apoiado nesta barra, e inesperadamente, quebra-a com uma força até então desconhecida. Ele só consegue realmente ficar de pé e andar quando sua mãe o apóia, segundo algumas versões, com o cetro de madeira do rei. A partir deste momento Sundjata liberta seu corpo e torna-se um forte guerreiro. O fato de ter quebrado a barra de ferro mostra o tamanho de sua força física escondida pela fraqueza de suas pernas.

Naareng Makhang Konnate morre, Sundjata pede apenas, como herança, Bala Faasigi Kouyaté, griot de seu pai. Numa outra versão, é o próprio pai que lhe deixa de herança o filho de seu griot, para que este lhe ensine a governar.

Bala Kouyaté é enviado pelo novo rei, irmão de Sundjata, para junto de Sumanguro, rei de Sosso. Isto deixa Sundjata enfurecido, ele, então, briga com o irmão e, junto com sua mãe, é expulso, do Mande. Uma outra versão é a de que, ao ser proclamado rei, o irmão de Sundjata toma Bala como seu griot, o que o deixa enfurecido. De toda forma, Sundjata sai do Mande, exilado, e vai se refugiar com sua mãe no reino de Neema, em Gana.

Neste tempo, Sumanguru Kante conquista o reino do Mande, mata todos os irmãos de Sundjata, e toma Bala Faasigi Kouyaté como seu griot. O pai de Sumanguro é um *djin*, feiticeiro, muito poderoso que o protege. Ninguém consegue vencê-lo. Ao saber que Sumanguru tomou as terras que eram de seu pai, Sundjata sai de Neema, depois que sua mãe morre, para tomar o reino de volta. Sumanguru é invulnerável e invencível, e parte do seu poder parece vir de sua capacidade de louvar a si mesmo. Os *djins* trouxeram para ele um *bala* – xilofone – com o qual se acompanhava louvando a si mesmo. O bala guardava nele os segredos de Sumanguro, como se fosse sua continuação, ainda parte de seu próprio corpo. O instrumento ficava bem guardado numa câmara secreta, junto a outros objetos mágicos, incluindo as roupas feitas de pele humana que o ferreiro gostava de usar. Sumanguru parece representar a ideia de uma individualidade que se basta, se veste com roupas feitas de outras peles, como se pudesse, nele somente, ser muitos, ser outros, mas apenas na superfície. Ele se veste de restos dos mortos. Sua própria voz canta seus louvores junto ao bala, que não é um duplo, mas uma extensão de si mesmo, e isto lhe é suficiente. Tudo acontece num lugar secreto, longe do alcance dos outros, onde não há o outro. A noção de pessoa aqui, ainda está centrada em uma individualidade arrogante que se basta, ao mesmo tempo que ele é invencível, é cruel e solitário. A noção de encontro, através da figura de Sumanguru não se dá na vida, mas apenas na morte.

Em algumas versões, Sundjata decide enviar seu griot, até então conhecido como Jakuma Dóká, para descobrir o segredo da invencibilidade do rei de Sosso. Em outras, Dóká é capturado pelo próprio ferreiro. Um dia, na ausência de Sumanguru, o griot entra na câmara secreta, vê o *bala* e começa a tocar. Sumanguro sente o seu próprio corpo sendo tocado e entende que alguém encontrou o *bala*. Ele volta, então, correndo para acabar com o intruso. Ao entrar na câmara, vê Jakuma Dóká cantando e tocando seu *bala*. E o que Jakuma canta

é a louvação que Sumanguru cantava para si mesmo. Sumanguro fica muito surpreso se encanta porque percebe que a louvação soa melhor numa outra voz que não a sua. Dóká passa a se chamar, então, Bala Faseké, que é um Keita. Esta é a origem de seu nome. Algum tempo depois, Faseké foge, conta a Sundjata o segredo de Sumanguru, que consegue, então, derrotá-lo na famosa batalha de Kirina, unificando todo o reino. Há, aqui, uma mudança importante na noção de pessoa, Sumanguro tem a sua individualidade invadida pelo outro, ele encontra o outro, sai de seu espaço seguro, não precisa mais se vestir com peles mortas. Percebe a diferença de ser louvado por uma voz que não é a sua. A câmara secreta é invadida, seu segredo, descoberto.

Numa outra versão, Sumanguru se encanta pelo som que Doká tira do Bala, e o nomeia Bala Faseké, mas é a irmã de Sundjata quem seduz o ferreiro para descobrir o segredo de sua vulnerabilidade. A batalha final, nesta versão, é travada entre o pai de Sumanguru e o avô de Sundjata, um importante caçador. É uma luta entre linhagens, entre forças hereditárias.

Em nenhuma das versões que li ou ouvi Sumanguro é dado como morto, ele é sempre vencido e desaparece. Entra numa caverna, ou se transforma em outros seres, sendo sempre atingido, até que vira vento e ninguém mais consegue pegá-lo. Ao ser perguntado se Sumanguro é morto ao fim da batalha, Bamba Susso, de família tradicional de griots da Gâmbia, considerado uma autoridade em Sundjata, diz: não.

Sundjata Keita reuniu sob seu poder todos os pequenos reinos, unificando o Império Mandé, que se tornou próspero e poderosos por mais de dois séculos. Sua história transformou-se em um dos maiores épicos de tradição oral do mundo.